

CONJUNTURA ECONÔMICA DA SUINOCULTURA BRASILEIRA

O Brasil está consolidado como quarto maior produtor e quarto maior exportador. Em 2018, o país deverá produzir 3,67 milhões de toneladas, apresentando uma queda de 1,34% em relação a 2017. A Rússia é o quinto maior produtor e deverá produzir 2,65 milhões de toneladas em 2018

Por Franco Müller Martins¹, Jonas Irineu dos Santos Filho¹ e Dirceu João Duarte Talamini¹

Uma análise do setor de proteína animal deve ser iniciada com uma visão básica do que ocorre no mundo e no Brasil nas três principais carnes: suína, frangos e bovina. Existem algumas diferenças no desempenho dessas cadeias nessas duas situações. A Figura 01, com dados dos últimos 50 anos, mostra que em 1968 as carnes bovina e suína eram as mais consolidadas, com maior volume de produção e a carne de aves ainda era incipiente e pequena. A situação atual e a projetada para a produção de 2019 mostra o maior crescimento da produção da carne suína que se mantém como a mais produzida

mundialmente. A carne de frangos, por outro lado, tem apresentado um crescimento mais elevado que os das demais carnes. A produção desta proteína superou a produção de carne bovina no final dos anos 70 e desde então se aproxima da produção de carne suína. Nos últimos 50 anos a carne de frangos multiplicou por 16 o volume produzido. No mesmo período, a produção de carne suína cresceu perto de cinco vezes e produção de carne bovina cresceu apenas duas vezes.

No Brasil, o comportamento dessas cadeias é diferente conforme pode ser visto na Figura 02. A análise começa a partir do ano 2000, onde pode ser visto que a carne bovina era a mais importante em volume de produção. No entanto,

em 2007, a carne de frango assumiu a liderança na produção de proteína animal e, desde então, mantém esta posição. A carne suína, apesar das condições favoráveis e do potencial de produção do Brasil, não apresentou o crescimento. Entre os anos de 2000 e 2018 a produção brasileira de carne de frangos cresceu 2,2 vezes, o da carne suína 1,4 vezes e o da carne bovina 1,5 vezes no país.

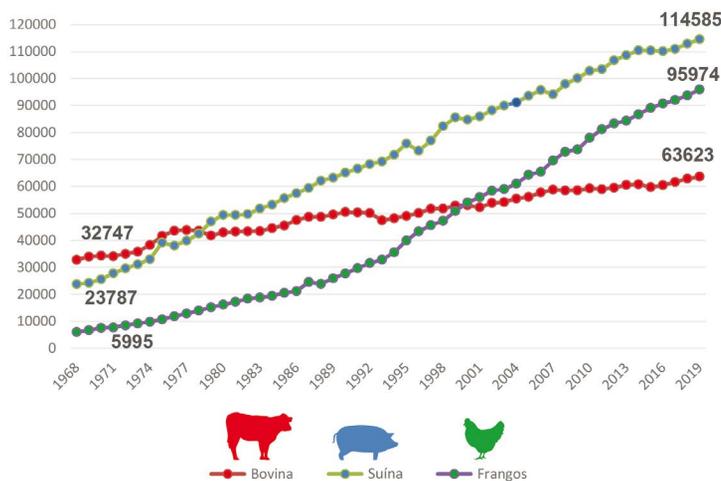
O MERCADO MUNDIAL DE CARNE SUÍNA

A produção mundial vem crescendo a uma taxa média de 0,5% ao ano. No entanto, o crescimento estimado em 2018

é de 1,7%. Assim, a produção global deverá chegar a 112,96 milhões de toneladas (USDA). Líder mundial na produção, a China deverá produzir 54,15 milhões de toneladas em 2018. Este volume reflete um crescimento de 1,4% em relação a 2017. Tal crescimento, se deve, principalmente ao aumento dos reba-

nhos e ganhos de produtividade nas granjas de maior escala. No entanto, os problemas sanitários, devidos ao surto de Peste Suína Africana, implicam redução de preços de animais para abate. Assim deverá haver redução no alojamento de matrizes e uma queda no ritmo de aumento de produção em 2019. A União Europeia, segundo maior produtor, deve produzir 24,1 milhões de toneladas no corrente ano. Nos últimos cinco anos, movida pelo seu potencial exportador, a

Figura 01. Produção mundial de carnes nos últimos 50 anos, milhões de toneladas (USDA)



produção do bloco europeu vem crescendo, em média 1,5% ao ano (Tabela 01). No entanto, elevação nos custos das rações e redução de preços de animais para abate devem provocar uma discreta redução na produção em 2019. Os Estados Unidos, terceiro maior produtor, devem produzir, 11,99 milhões de toneladas no corrente ano. A produção americana tem crescido a uma taxa média de 3,4% ao ano nos últimos cinco anos. Porém, as previsões do USDA apontam para um aumento de 5% na produção em 2019. Este crescimento é reflexo de investimentos em capacidade de produção que ocorreram nos últimos anos, aumento nas quantidades de animais abatidos e ganhos de peso nas carcaças. Além disso, com o mercado global aquecido, as exportações americanas devem crescer 4% em 2019.

O Brasil está consolidado como quarto maior produtor e quarto maior exportador. Em 2018, o país deverá produzir 3,67 milhões de toneladas, apresentando uma queda de 1,34% em relação a 2017. A Rússia é o quinto maior produtor e deverá produzir 2,65 milhões de toneladas em 2018.

As exportações globais de carne suína devem chegar a 8,54 milhões de toneladas em 2018. Este volume representa 7,56% da produção mundial.

A liderança é mantida pela União Europeia, cujas exportações em 2018 devem chegar a 3,05 milhões de toneladas segundo o USDA. Para 2019, as previsões indicam um aumento de 3% nas exportações do bloco europeu. Os Estados Unidos mantêm a

segunda posição com previsão de 2,71 milhões de toneladas exportadas em 2018. Os embarques de Canadá e Brasil devem fechar o ano com, respectivamente, 1,35 milhões e 685 mil toneladas. Nos últimos cinco anos, a União Europeia, os Estados Unidos, Canadá e Brasil, concentraram, em média, 90,7% das exportações globais. O bloco europeu apresenta a maior taxa de crescimento das exportações nos últimos cinco anos com um índice de 9%. No mesmo período, as exporta-

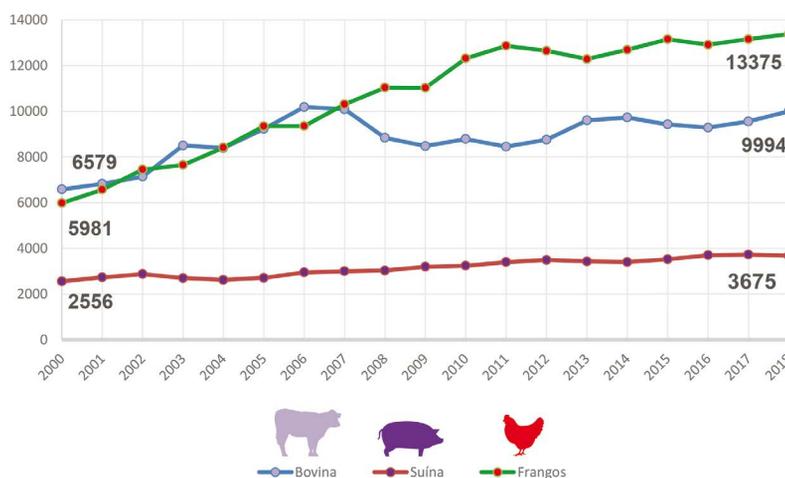
ções do Brasil crescem, em média, 6,6% ao ano. Nos Estados Unidos os embarques crescem a 4,5% e no Canadá a 2,8%. As exportações mundiais crescem a uma taxa de 5,5%. Os principais importadores do mercado mundial são a China, Japão, México e Coreia do Sul (Figura 02). Em 2018, estes países devem concentrar 65,6% das importações globais. Apesar de ter sofrido pequenas oscilações, entre 2014 e 2018, o comércio global tem crescido a uma taxa de 5,5%. Este crescimento deve-se a expressivos aumentos das importações nos principais mercados. No mesmo período as importações da China cresceram, em média, 23% ao ano. As importações da Coreia do Sul (9% ao ano), México (8,5% ao ano) e Japão (4%) também estão em crescimento.



A participação média do Brasil nas exportações mundiais, entre 2014 e 2018, é de 8,8%. O Brasil exporta, em média, cerca de 19% da sua produção. Até 2017, o principal país comprador da carne suína brasileira era Rússia. Naquele ano, os embarques chegaram 259 mil toneladas. Entre 2013 e 2017, o volume

anual médio exportado foi de 213,9 mil toneladas (Agrostat). Este volume representa cerca de 34% das exportações brasileiras do produto. Com o bloqueio do mercado russo, ao final de 2017, Hong Kong liderou as exportações em 2018. Entre janeiro e outubro, os embarques para este país totalizaram 138,4 mil toneladas. A China, em segundo lugar, importou volume muito próximo no período – 132,9 mil toneladas. Outros mercados que importam volumes consideráveis do Brasil são: Cingapura,

Figura 02. Produção brasileira de carne bovina, suína e de frangos, milhões de toneladas, 2000 a 2018 (MAPA)



Angola, Argentina, Uruguai e Chile. Em conjunto, estes países importaram 158,1 mil toneladas entre janeiro e outubro de 2018 (Agrostat).

A CONJUNTURA NO BRASIL EM 2018 E PERSPECTIVAS

Em 2018, os principais fatores que afetaram o desempenho da suinocultura brasileira foram o bloqueio do mercado russo, a elevação dos custos de produção e a recessão econômica do País.

Em dezembro de 2017, alegando a presença de ractopamina em amostras de carne suína, a Rússia suspendeu as compras de todas as agroindústrias brasileiras que exportavam para aquele mercado. Esta medida causou grandes impactos na medida em que a Rússia, até então, era o mais importante comprador do Brasil.

No entanto, as perdas com o bloqueio foram, em parte, compensadas pelo aumento das exportações para a China. Diante de retaliações comerciais impostas pelos Estados Unidos, a China aumentou tarifas de importação de produtos americanos. Essa medida amplia espaço para os outros grandes exportadores - União Europeia, Canadá e Brasil - no mercado chinês. Em 2017, os volumes exportados pelo Brasil, até outubro, somaram 38,2 mil toneladas. Em 2018 os embarques mais do que triplicaram e ultrapassaram 132 mil toneladas no mesmo período. Este salto de 94,7 mil toneladas representa 41% do volume exportado para Rússia entre janeiro e outubro de 2017. Além disso, o surto de Peste Suína Africana, identificado na China, no início de agosto de 2018, pode implicar oportunidades para o Brasil. As medidas implementadas pelo governo chinês para controlar a disseminação da doença devem gerar desconinuidades na organização da cadeia produtiva. Como consequência, poderá haver retração na produção e necessidade de aumentar as importações (USDA).

No América do Sul, os volumes exportados para os principais compradores - Argentina, Uruguai e Chile - devem fechar 2018 com patamares mais elevados. Em 2017, estes países absorveram 12,7% das exportações brasileiras. Entre janeiro e outubro de 2018, as exportações para estes países cresceram 19% em relação ao mesmo período de 2017, chegando

Figura 03. Principais países produtores de carne suína em 2018, milhões de toneladas (USDA)

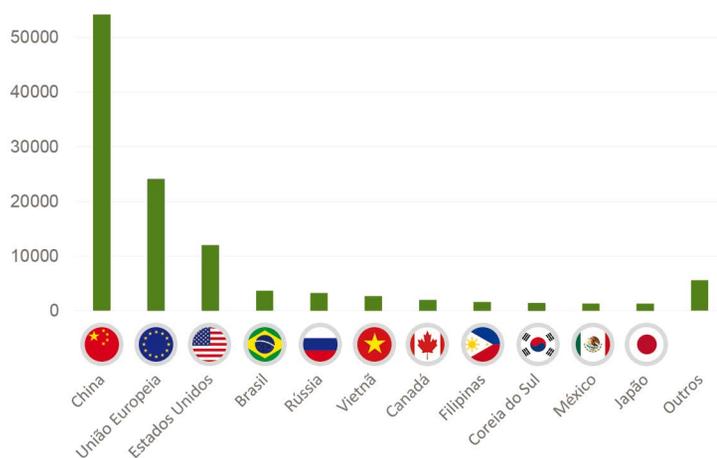


Figura 04. Principais importadores de carne suína em 2018, mil toneladas (USDA)

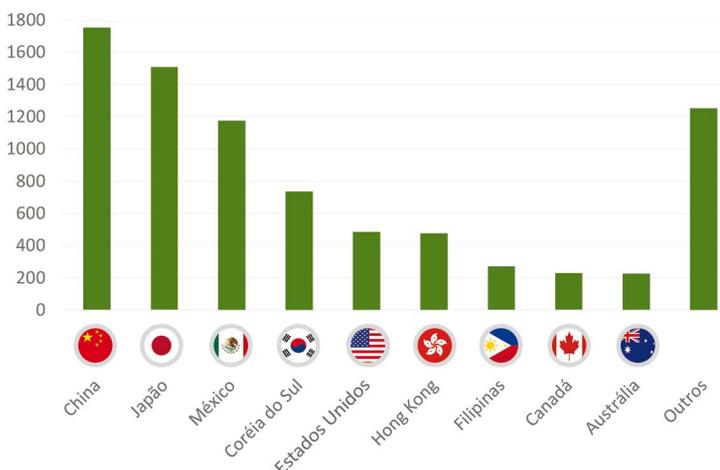
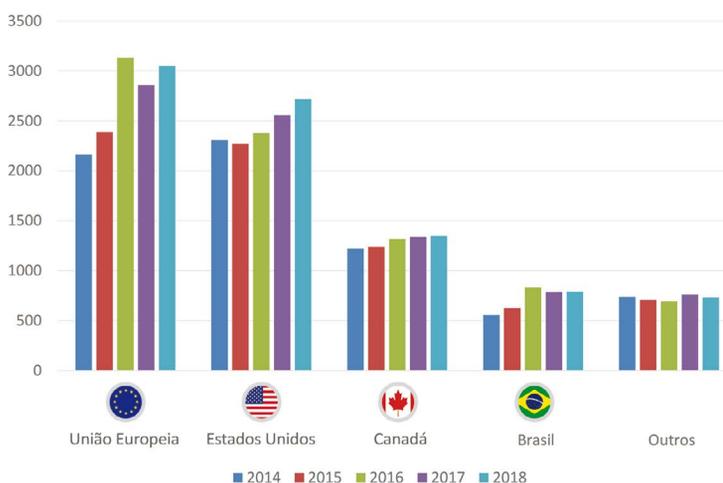


Figura 05. Principais países exportadores de carne suína, milhares de toneladas -2014 a 2018 (USDA)



a 88 mil toneladas. Embarques para Angola (+ 33,5%) e Cingapura (+ 28,9%) também cresceram no mesmo período.

Ate meados de 2018, as dificuldades enfrentadas no mercado externo e os altos custos de produção sinalizavam um cenário pessimista para as exportações brasileiras. Alguns prognósticos apontavam para uma redução de até 20% em relação aos volumes totais embarcados em 2017. No entanto, se o atual ritmo dos embarques for mantido, as exportações de 2018 devem se aproximar dos volumes embarcados em 2017. Porém, se por um lado o setor conseguiu recuperar o desempenho das exportações em termos de volume, o mesmo não aconteceu com as receitas. Em 2017, as receitas com as exportações somaram US\$ 1,6 bilhão. Assim preço médio da carne suína brasileira exportada foi de US\$ 2,360,00 por tonelada. Em 2018 o valor médio está em US\$ 1,880,00 por tonelada. As receitas com as exportações de 2018 confirmarem as expectativas que apontam para cerca de 690 mil toneladas, as receitas, em dólar, deverão cair para US\$ 1,3 bilhão (Agrostat). Isto representa uma redução de 19% em relação às receitas em dólar obtidas com as exportações obtidas em 2017. Por um

Tabela 01. Evolução da produção de carne suína nos principais países produtores, milhões de toneladas

País	2014	2015	2016	2017	2018	Taxa de crescimento
China	56.710	54.870	52.990	53.400	54.150	-1,19%
U.E.	22.540	23.249	23.866	23.663	24.100	1,53%
EUA	10.368	11.121	11.320	11.611	11.992	3,40%
Brasil	3.400	3.519	3.700	3.725	3.675	2,15%
Rússia	2.510	2.615	2.870	3.000	3.235	6,66%
Vietnã	2.431	2.548	2.701	2.741	2.675	2,68%
Canadá	1.805	1.899	1.914	1.959	1.960	1,98%
Outros	10.734	10.601	10.778	10.939	11.171	1,12%
Total	110.498	110.422	110.139	111.038	112.958	0,5%

Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do USDA

lado, estas perdas são devidas ao deslocamento de maiores volumes para países que historicamente pagam preços médios menores do que os praticados pela Rússia. Por outro lado, a queda nos preços também reflete uma perda de imagem das carnes produzidas no Brasil em decorrência dos escândalos revelados na operação Carne Fraca em 2017.

DESCUBRA COMO AS SOLUÇÕES JEFO PODEM AJUDÁ-LO

Jefocare

Saúde & Prevenção

Melhor saúde intestinal, mesmo na transição para uma produção sem antibióticos.

Jefo peak

Desempenho & Produção

Maior disponibilidade de nutrientes, redução dos custos de alimentação e melhor desempenho animal.

Jefocycle

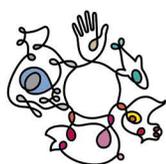
Reprodução

Melhor saúde urogenital das porcas, mais leitões por ciclo e maior taxa de sobrevivência.

SAFEEDS, distribuidor exclusivo da Jefo para todo Brasil



safeeds
aditivos para nutrição animal
(45) 3309 5000
www.safeeds.com.br



Jefo
Life, made easier®

NUTRIÇÃO DE PRECISÃO
ENZIMAS
ÁCIDOS ORGÂNICOS &
ÓLEOS ESSENCIAIS
MICROENCAPSULADOS
jefo.com

Em 2018 a suinocultura brasileira foi seriamente afetada pelos custos de produção, devido à elevação dos preços dos principais insumos (Figura 07). Observa-se, por exemplo, que em relação a 2017 os preços do milho e do farelo de soja aumentaram, respectivamente, 25,67% e 21,44%.

Em 2017, o aumento da safra havia provocado uma queda significativa nos preços do milho. Em Santa Catarina, maior produtor nacional de suínos, o preço da saca chegou R\$ 33,29.

As cadeias de produção de carnes, assim como tantas outras, sofreram pesados prejuízos devido ao "apagão" logístico em todos os segmentos da produção. As cadeias de suínos e aves enfrentaram sérios problemas e perdas no abastecimento de rações e animais para alojamento, no transporte de animais para o abate e na distribuição de produtos acabados. Além disso, a criação da "Tabela Nacional de Preços do Frete" implica elevação dos custos de transporte em toda a cadeia de produção e distribuição.

No mercado interno verificou-se estabilidade dos preços pagos no varejo pela carne *in natura* e de um leve aumento, de 2%, nos preços dos produtos industrializados de carne suína

pagos pelos consumidores. Estes números refletem o cenário de recessão econômica vivido no País. Desemprego e perda no poder de compra do consumidor têm sempre efeito negativo na demanda e nos preços dos alimentos. Além disso, as dificuldades que outras cadeias produtivas, como as do frango e a bovina, enfrentaram com as exportações, provocaram um aumento de oferta de seus produtos no mercado interno. Assim, a demanda por carne suína é também afetada pelo preço de proteínas concorrentes. O mercado de exportação de carne suína é restrito se comparado ao volume global produzido. Assim, a manutenção da produtividade e os cuidados com os padrões sanitários serão sempre fundamentais para a sustentação da competitividade no mercado internacional. No Brasil, a cadeia produtiva da suinocultura tem feito a lição de casa

Figura 06. Volumes e participação do Brasil nas exportações mundiais de carne suína (USDA)

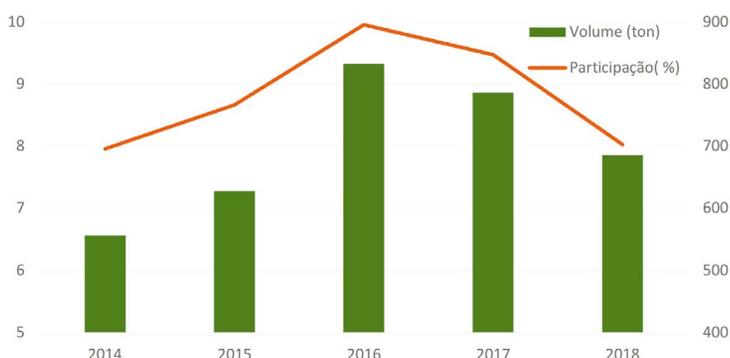
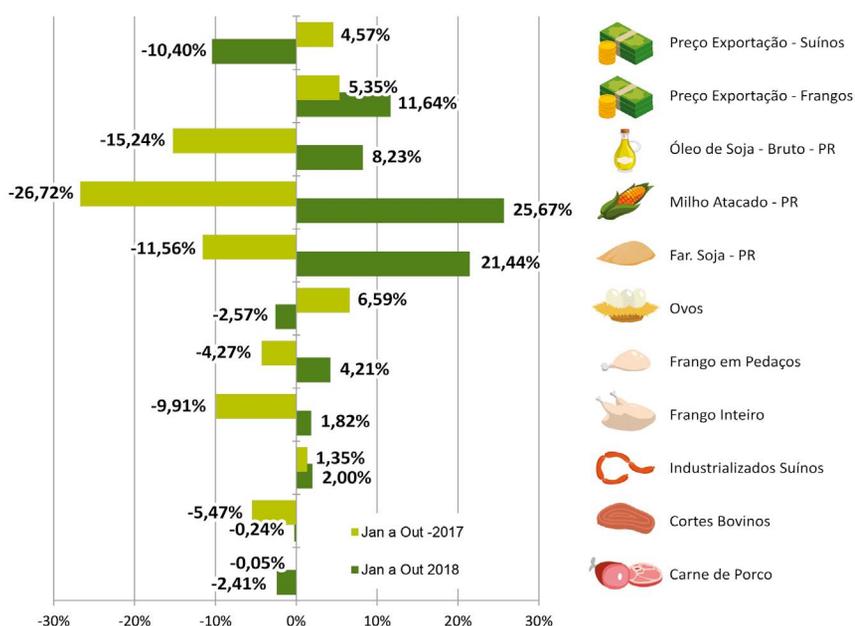


Figura 07. Variação acumulada dos preços - Brasil



nestes dois quesitos. No entanto, os problemas ocorridos em 2017 e 2018 demonstram que a concentração das exportações em poucos compradores torna o setor vulnerável a barreiras técnicas e comerciais.

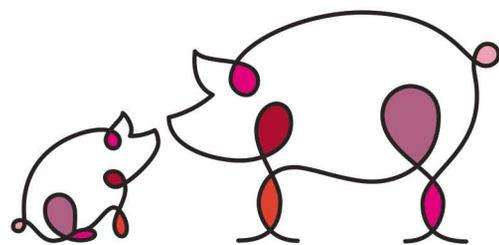
No final de outubro de 2018, as autoridades russas anunciaram a suspensão dos embargos após receberem do Brasil garantias sobre a inocuidade dos produtos e informações sobre as ações que visam controlar e eliminar as não conformidades. No entanto, esta abertura se restringiu a um número reduzido de agroindústrias. Em que pesem os esforços para retomada do mercado russo, é importante observar a evolução da produção naquele país. Em 2014, a Rússia produziu 2,51 milhões de toneladas. Com uma taxa de crescimento de 6,6% ao ano, a produção russa deverá chegar a 3,24 milhões de toneladas em 2018 e 3,31 milhões em

2019 (USDA). O consumo no país, que era de três milhões em 2017, deverá chegar a 3,3 milhões em 2019. Ao mesmo tempo, a Rússia vem reduzindo as importações. Em 2014 o país importou 516 mil toneladas. Em 2017 as importações atingiram apenas 375 mil toneladas. Portanto, a Rússia sinaliza uma crescente e expressiva capacidade de atender a sua demanda com a produção interna. Com esta autonomia, a Rússia deve intensificar o jogo comercial e a imposição de barreiras técnicas a países fornecedores. Assim, a aposta na retomada das exportações, ao menos para os patamares antes alcançados, deve ser vista com cautela.

Assim, o setor deve manter esforços na busca de novos mercados. Conforme discutido anteriormente, o Brasil tem mostrado capacidade de aproveitar oportunidades em mercados em expansão tais como os países vizinhos do Mercosul. No entanto, é importante ocupar espaços nos maiores mercados importadores. Atualmente, o Brasil exporta para o Japão e para Coreia do Sul. Estes países importam carne suína de Santa Catarina que, atualmente, é o único Estado certificado como área livre de febre aftosa sem vacinação. O acesso a esses mercados demonstra a capacidade da cadeia produtiva em atender requisitos sanitários e de qualidade dos países mais exigentes e que pagam os melhores preços. O preço médio da carne suína brasileira embarcada para o Japão, entre janeiro e outubro de 2018, foi de US\$ 3.330,00 por tonelada. Este valor é 77% maior do que o preço médio que o Brasil obteve no mercado internacional no mesmo período. No entanto, os volumes exportados para o Japão são ainda discretos. Em 2018, até outubro, o Brasil havia embarcado apenas 1.400 toneladas para aquele país. Os embarques para a Coreia do Sul iniciaram em 2018 e acumularam, até outubro, 946 mil toneladas. Para consolidar e ampliar a participação nestes mercados o Brasil terá que aprimorar as negociações bilaterais de comércio. Em alguns casos isso poderá implicar a necessidade de abrir ou ampliar o mercado interno para produtos do país (potencial) parceiro. Além disso, mesmo cumprindo plenamente com os requisitos sanitários, manter o foco na qualidade assegurando a padronização de produtos exigidos nestes mercados.

O mercado interno, que absorve cerca de 81% da produção brasileira, deve ser visto como uma arena de oportunidades para o crescimento do setor. Apesar da crescente disponibilidade de produtos *in natura*, o consumo no Brasil é ainda dominado por produtos industrializados. O setor produtivo tem realizado diversos esforços no sentido incentivar o aumento de consumo. Tais iniciativas visam esclarecer o consumidor sobre a segurança e a qualidade nutricional, incentivar a maior disponibilidade de cortes especiais nos pontos de venda e divulgar receitas e formas alternativas de preparo da carne suína. Mudanças nos padrões de consumo implicam, para diferentes segmentos da cadeia produtiva, oportunidades para inovações em processos, serviços e produtos. Por isso, estas ações devem ser mantidas e, se possível, intensificadas.

Enfim, há motivos para traçar um cenário mais otimista para a suinocultura brasileira em 2019. Além de boas perspectivas no mercado externo, o aumento na safra de milho, a se confirmarem as previsões, poderá favorecer uma redução nos custos de produção. Isto, somado a estabilidade do plantel de matrizes e da produção, juntamente com aumento das exportações, cria condições para a recuperação econômica do setor. 



Jefocare

Saúde & Prevenção

Você sabia que a sinergia entre *ácidos orgânicos e óleos essenciais* protegidos favorece a saúde intestinal dos suínos?

Descubra nossas soluções não medicamentosas desenvolvidas para cada etapa da produção animal.

Para saber mais, consulte



SAFEEDS, distribuidor exclusivo Jefe para todo Brasil



NUTRIÇÃO DE PRECISÃO
ENZIMAS
ÁCIDOS ORGÂNICOS &
ÓLEOS ESSENCIAIS
MICROENCAPSULADOS
jefo.com